21º DOMINGO APÓS PENTECOSTES (PRÓPRIO 24)

18 DE OUTUBRO DE 2026

MATEUS 22.15-22

1 INTRODUÇÃO

A temática do próprio 24 parece responder a uma pergunta fundamental: “Quem está no comando de absolutamente tudo?” As leituras nos conduzem repetidamente à mesma resposta: é o Senhor quem reina, por mais difícil que possa parecer.

O salmo 96 proclama seu governo sobre as nações e sobre toda a criação; Isaías mostra que até mesmo Ciro, um governante estrangeiro, está debaixo da ação soberana de Deus; 1 Tessalonicenses lembra que a fé e o testemunho dos cristãos são frutos da ação de Deus. E Mateus 22, nos reafirma que não existe uma parte da realidade que esteja fora do governo de Jesus.

O Deus que governa todas as coisas é o mesmo Deus que veio ao nosso encontro em Jesus. Cristo recebeu toda autoridade e, por sua morte e ressurreição, realizou aquilo que nenhum governante poderia realizar: nossa salvação. Por isso, nossa confiança não repousa nos instrumentos que Deus utiliza, mas nele, que continua no comando e nos sustenta em sua graça.

Passamos a olhar com um pouco mais de atenção em cada uma das leituras.

2 SALMO 96

O salmo 96 não fornece informações suficientes para estabelecermos com segurança seu autor, data ou ocasião histórica específica, portanto é melhor não atribuir-lhe uma situação histórica precisa. Ele pertence, porém, ao conjunto dos salmos de louvor que celebram o governo universal do Senhor e convocam Israel e as nações a reconhecê-lo.

“Cantem ao Senhor um cântico novo” aparece logo no início de um salmo que não consegue permanecer dentro das fronteiras de Israel. O chamado começa com aqueles que conhecem o Senhor, mas rapidamente alcança “todas as terras” (Sl 96.1). É preciso anunciar entre as nações a sua salvação, contar a sua glória entre os povos e proclamar as suas maravilhas (Sl 96.2-3). Depois, as próprias nações são chamadas a dar ao Senhor a glória devida ao seu nome (Sl 96.7-8). No final, já não são apenas os povos que entram na cena. Céus, terra, mar, campos e árvores são convocados para a alegria (Sl 96.11-12).

A expressão “o Senhor reina”, apresenta Deus como aquele que efetivamente governa. O contraste com os “ídolos” é notável: as nações possuem seus deuses, mas estes não são comparáveis ao Criador. O salmo, portanto, desloca o olhar de Israel para todas as nações e para toda a criação: o Senhor é o Rei universal, e não meramente um ídolo local ou tribal.

Interessante ler o que Lutero escreve sobre este salmo:

> É uma profecia acerca do Reino de Cristo em todo o mundo; nele deverá haver somente alegria e louvor. E isso está suficientemente claro já no próprio texto. Como são chamados ao serviço de Deus todos os pagãos, terras, povos, mundos, águas e árvores, para que louvem e deem graças, porquanto ele julga e governa com justiça e verdade, isto é, que ele livra dos pecados e de tudo aquilo que o pecado traz consigo, a saber: da morte, do inferno, do poder do diabo e de todo o mal. Este é o novo cântico, do novo Reino, das novas criaturas, dos novos homens, não nascidos da carne nem das obras, mas nascidos de Deus e do Espírito, e que são verdadeiros milagres e agem em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Cantar um cântico novo talvez possa ser uma ponte para o pregador que queira deixar este texto como base de sua pregação: uma pregação sobre hinos antigos e hinos novos que, no final das contas, não será sobre liturgia ou hinário, mas sobre velho e novo homem.

Afinal, mas o que há de errado com os cânticos antigos? Aqueles que são populares, que todo mundo canta, que já conhecemos de cor e que são socialmente aceitos, fáceis e confortáveis? O salmo 96 nos permite fazer uma pergunta mais profunda: e se o problema não estiver na idade do cântico, mas naquilo que estamos acostumados a cantar com a nossa vida? O velho canto da insatisfação, da reclamação, da desconfiança, do amor por nós mesmos, daquilo que fazemos quase automaticamente porque já conhecemos a

melodia de cor e salteado. São pecados aos quais nos acostumamos tanto que já nem percebemos o quanto eles fazem parte de nós, parecem uma “segunda natureza”.

Cada um de nós conhece alguns seus cânticos favoritos. Eles são fáceis de cantar porque nascem naturalmente do velho homem. Já o cântico novo é a novidade da obra de Deus que irrompe em meio ao velho mundo e ao velho pecador. E justamente por ser novo, ele pode causar desconforto em quem está acostumado com o antigo.

Mas olhe para quem está cantando este cântico novo: é o próprio Deus, cantando... justamente para nós, amantes dos cânticos antigos! Ele o canta no Evangelho, onde anuncia o perdão dos pecados; ele o canta no Batismo, onde nos dá uma nova identidade e nos faz seus filhos; ele o canta na Santa Ceia, onde nos entrega o verdadeiro corpo e sangue de Jesus Cristo para perdão; ele o canta cada vez que sua Palavra nos alcança e nos anuncia novamente a graça de Cristo.

Talvez ainda tenhamos dificuldade para acompanhar a melodia, afinal, somos muito bons em repetir os velhos cânticos do pecado. Mas Deus não deixa de cantar. Em Cristo, ele continua anunciando uma novidade que nós não poderíamos produzir: “Eu perdoo você! Eu estou com você! Eu salvei você!”

Mas chegará o dia em que, libertados definitivamente do pecado e da morte, cantaremos esse cântico novo não como quem tenta aprender a melodia nova, mas como um grande coral muito bem ensaiado diante do Cordeiro. Porque Deus canta o Evangelho para nós que finalmente podemos responder: “Cantemos ao Senhor um cântico novo!”

3 ISAÍAS 45.1-7

O texto precisa ser lido dentro do movimento que começa em Isaías 40. Depois das palavras de juízo dirigidas a Judá, o profeta anuncia consolo ao povo. O Senhor continua sendo o Deus que governa a história e que conduz seu povo em direção à restauração. Quando chegamos ao capítulo 45, essa restauração ganha um nome muito específico: Ciro.

Ciro, como sabemos, não pertence ao povo de Israel, e mesmo assim, o Senhor o chama de “meu ungido” e declara que vai à frente dele. Ciro ocupará uma função determinada dentro da ação de Deus em favor de Israel.

O ponto central do texto, porém, não está em Ciro (a exemplo do que veremos mais adiante no Evangelho com Cesar), mas no próprio Senhor que repetidamente conduz o leitor à afirmação: “Eu sou o Senhor, e não há outro”. Ciro só possui força militar e autoridade política porque o Senhor lhe concede essas condições para realizar aquilo que decidiu fazer através dele.

Essa distinção é importante para a pregação: o texto não apresenta Ciro como salvador de Israel. Ciro é o instrumento pelo qual o Senhor realiza uma libertação histórica. O agente decisivo continua sendo Deus. A linguagem empregada pelo próprio texto deixa isso claro: “Eu irei adiante de você” (Is 45.2). É o Senhor quem abre as portas, quebra as portas de bronze, despedaça as trancas de ferro e entrega a Ciro os tesouros escondidos. Ciro aparece no cenário porque Deus o colocou ali.

O Senhor diz que chamou Ciro pelo nome, embora Ciro não o conhecesse (Is 45.4-5). Observe: Ciro não começa conhecendo o Senhor e depois recebe uma missão, mas o soberano Senhor o conhece, o chama e o utiliza para cumprir sua palavra. Isso reforça a liberdade de Deus em sua maneira de agir. O Senhor pode utilizar até mesmo um governante estrangeiro para realizar aquilo que havia prometido ao seu povo.

Isaías 44.28 já havia chamado Ciro de “meu pastor” (termo frequentemente usado pelo AT para dar a ideia de governante), enquanto Isaías 45.1 o chama de “meu ungido”. Para nós cristãos, estas palavras nos são caras, pois imediatamente a relacionamos a Cristo, o Bom Pastor e o Ungido. É óbvio que Ciro não é o Messias prometido e que a sua unção está relacionada à tarefa histórica que Deus lhe entrega ali naquela circunstância específica. No entanto, podemos dizer que há aqui cerca prefiguração daquele ungido que Deus enviaria cerca de seis séculos depois de Ciro.

A Escritura, na verdade, apresenta vários ungidos antes de chegar ao Ungido definitivo, já que os reis e os sacerdotes podiam ser ungidos para o serviço que Deus lhes confiava. A esperança de um rei futuro cresce a partir das promessas feitas a Davi e não

encontra sua realização definitiva em nenhum dos reis que o sucederam. Jesus Cristo, porém, é o Messias no sentido pleno. Nele convergem as expectativas do Rei prometido e do Servo enviado por Deus.

O Novo Testamento identifica Jesus como aquele que foi ungido pelo Espírito Santo. No Batismo de Jesus, o Espírito Santo desce e fica sobre ele, e o Pai manifesta sua aprovação. Seu ministério começa sob essa unção e se dirige à proclamação das boas-novas. A diferença entre Ciro e Jesus precisa permanecer clara. Enquanto Ciro recebe uma missão política e histórica de abrir caminho para a libertação de Israel do exílio, Jesus vem para realizar aquilo que Ciro jamais poderia realizar: sua obra alcança o pecado, a morte e a condenação. Cristo vence aquilo que mantinha o pecador separado de Deus. Toda essa ação divina, "por amor do meu servo Jacó e de Israel, meu escolhido" (Is 45.4).

Em tempos de eleição nacional, esta distinção me parece muito própria: não podemos transformar Ciro no personagem principal e depois procurar no presente alguma figura que cumpra uma função semelhante. A pergunta do texto é outra. Quem governa quando os acontecimentos parecem estar nas mãos de impérios, reis e circunstâncias que o povo de Deus não consegue controlar?

A resposta aparece várias vezes: "Eu sou o Senhor, e não há outro" (Is 45.5-6). Mesmo no caos que nossa situação eleitoral ou política possa estar sob alguma perspectiva, o Senhor continua no controle.

O coração humano procura algo visível sobre o qual possa apoiar sua segurança. Pode ser uma autoridade, uma instituição, dinheiro, estabilidade profissional, planejamento ou capacidade pessoal. Quando essas coisas recebem a confiança que pertence a Deus, tornam-se substitutos de Deus.

Mas o Deus que chamou Ciro e que foi adiante dele é o mesmo Deus que, em Jesus Cristo, veio ao encontro de pecadores. Cristo foi enviado pelo Pai, ungido pelo Espírito Santo, sofreu sob o peso do pecado e entregou sua vida na cruz. Ele ressuscitou dos mortos e sua autoridade não depende das condições políticas de um governo. Depois da ressurreição, Jesus declara: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18).

Cristo recebeu toda autoridade. Cristo realiza a salvação que o próprio Antigo Testamento aguardava. A esperança anunciada pelos profetas encontra nele seu cumprimento.

No Batismo, Deus também toma a iniciativa e nos chama pelo nosso nome a fim de colocar sobre ele, o seu próprio. Deus vem ao pecador com sua Palavra e sua promessa, mesmo sem que ele o conhecesse, e o une com a morte e a ressurreição de Jesus. Fomos batizados na morte de Cristo e sepultados com ele, para que também vivamos uma nova vida (Rm 6.3-4), cantemos uma nova canção. O Batismo, nesse sentido, oferece uma resposta muito concreta à pergunta sobre onde está a identidade do cristão: ela está em Cristo e não em quem ou como alguém governa.

Em tempos de alarmismos políticos e eleitorais, quem sabe precisamos acalmar um pouco nossos membros que são bombardeados com tantas notícias com o bom e "novo" Evangelho de que Deus continua no comando! O Senhor governa a história e utiliza seus instrumentos para cumprir suas promessas; por isso, nossa confiança não repousa nos instrumentos que Deus utiliza, mas nele, que em Jesus Cristo realizou nossa salvação.

4 1 TESSALONICENSES 1.1-10

A carta de 1 Tessalonicenses é uma epístola pastoral de Paulo dirigida a uma comunidade cristã situada em Tessalônica, uma igreja que recebeu o Evangelho em meio a oposição e dificuldades. Em suas cartas, Paulo procuravam justamente fortalecer igrejas que enfrentavam problemas concretos. No caso dos tessalonicenses, uma das grandes questões que posteriormente surgiram foi a respeito da segunda vinda de Cristo e do destino dos cristãos que haviam morrido; Paulo responde a isso especialmente nos capítulos 4 e 5.

O capítulo 1 funciona como uma introdução e ação de graças pela obra de Deus na igreja. Paulo começa agradecendo pela fé, pelo amor e pela esperança dos tessalonicenses e mostra como o Evangelho recebido produziu frutos concretos: eles se tornaram imitadores, permaneceram firmes em meio à tribulação, abandonaram os ídolos, passaram

a servir ao Deus vivo e verdadeiro e aguardaram seu Filho dos céus. Funciona como uma apresentação da identidade daquela igreja e estabelece temas que serão desenvolvidos no restante da carta: sofrimento, fé, santidade, testemunho e esperança na volta de Jesus Cristo.

É sempre bom receber um bom feedback positivo sobre alguma coisa sobre nós. Isso nos encoraja, e nos faz bem. Talvez você se lembre de algum feedback positivo sobre um sermão que fez, ou mesmo no tempo do seminário, um elogio por um trabalho bem apresentado. Agora, imagina receber um feedback positivo do próprio apóstolo Paulo. O testemunho em tessalonicenses deve ter feito eles se sentirem muito bem: eles eram exemplos a outros cristãos! Já pensou?

Mas Paulo deixa claro que mesmo este elogio deve ser interpretado como obra de Deus, afinal foi Deus que o enviou até eles, foi Deus que os deu a fé, foi Deus que os escolheu para serem seus, a própria alegria vinha do Espírito Santo, etc. Por isso, nada de orgulho vão, pois o elogio não era o resultado da sua atividade: Deus havia vindo até eles e os chamou para serem dele.

Sim, é verdade, eles servem Deus, mas foi ele que os chamou e deu poder para fazê-lo. O mesmo Deus que nos encontrou enquanto nós nem o procurávamos. Precisamos nos lembrar disso: nossa fé vem e só pode vir de Deus. E enquanto aguardamos a segunda vinda de Cristo, nós continuamos imitando a Cristo e buscando ser os exemplos para a honra do próprio Deus que nos deu a fé e que está no controle.

5 MATEUS 22.15-22

Mateus 22.15-22 acontece durante o ministério final de Jesus em Jerusalém, no período em que ele entra em conflito cada vez mais intenso com as autoridades religiosas. A “pergunta” sobre o tributo a César nasce de uma situação politicamente e religiosamente sensível: Israel vivia sob domínio romano, e a questão da relação entre o povo de Deus e a autoridade imperial podia facilmente tornar-se uma armadilha. Por isso, os discípulos dos

fariseus se aproximam de Jesus com uma pergunta destinada a colocá-lo em uma situação comprometedora.

A passagem pertence a uma sequência de controvérsias em Mateus 21-23, na qual diferentes grupos tentam questionar Jesus, enquanto Jesus revela a hipocrisia de seus opositores e manifesta sua autoridade. O episódio da moeda é, portanto, um confronto sobre autoridade e pertencimento: quem está no controle? A quem pertencem as coisas?

Você já ouviu aquela história do "pergunta errada, resposta errada"? Eis aqui um texto bíblico que parece elaborar esta ideia. Aqui temos uma pergunta que não pergunta nada (v.16-17), temos uma acusação (v. 18), temos uma resposta que não responde nada (v.19-21a) e, por fim, o real "bife" do texto: temos um desafio (v. 21b), o que torna este texto muito interessante para a pregação do final de semana.

Temos a tendência de olhar para este recorte como um óbvio candidato a texto base da doutrina da distinção dos dois reinos. Embora não seja totalmente equivocado usar este texto para a argumentação, o professor Jeffrey Gibbs afirma que o contexto não parece dar suporte ao texto como um defensor desta distinção, já que, segundo ele, Jesus não estava dando uma resposta real aos seus oponentes ao dizer "deem, pois, a César o que é de César". O motivo? A pergunta que eles fizeram para Jesus também não era uma pergunta real, mas sim uma tentativa de "surpreender Jesus em alguma Palavra".

Gibbs explica: "O que eu estou sugerindo aqui é que 'deem, pois, a César o que é de César' é um tipo de 'não resposta' a uma 'pergunta' que não merece uma resposta. Além disso, a mensagem real das palavras de Jesus é o desafio 'e a Deus o que é de Deus'". Por isso, tudo indica que a primeira parte da resposta de Jesus trata-se de uma resposta à provocação dos fariseus e não realmente à sua pergunta, até porque se levamos em conta as duas partes da resposta de Jesus como igualmente literais, podemos nos questionar: será que Jesus está ensinando que há coisas que são de Cesar, mas que não são de Deus? Há algo que Deus não seja o proprietário? Há alguma parte da existência que Deus não esteja no comando? (Isaías 45.7).

Portanto, para focar na resposta que realmente nos interessa, a saber, "e a Deus o que é de Deus", precisamos nos perguntar o que significa "dar a Deus o que é de Deus"? O

verbo *apodote* significa “dar de volta”, “restituir” aquilo que é devido e, segundo Gibbs, o contexto deixa claro o que isso significa: fazer a vontade do Pai.

> Fazer a vontade do Pai é arrepender-se e crer na pregação de João Batista, especialmente no que diz respeito àquele que, juntamente com João, veio para cumprir toda a justiça (21.28–32; cf. 3.15). Os lavradores cuidarão fielmente da vinha do proprietário ao reconhecerem que a vinha e seus frutos pertencem a Deus e ao seu Filho, o legítimo herdeiro de todas as coisas (21.33–44). Ter um lugar no banquete escatológico, tanto agora como para sempre, é honrar o Rei ao aceitar o seu convite e prestar homenagem ao Filho (22.1–14). Dar a Deus o que pertence a Deus é contemplar o homem que está no meio deles, saber de quem ele é verdadeiramente Filho, e segui-lo, porque nele o reinado de Deus se aproximou. Dar a Deus o que é de Deus é arrepender-se e seguir o seu Filho em um discipulado que confia nele e lhe obedece.

6 CONCLUSÃO

Ao percorrermos as leituras deste domingo, a resposta à pergunta inicial vai se tornando cada vez mais clara: é o Senhor quem está no comando, por mais estranho que pareça. O salmo 96 nos chama a cantar ao Senhor porque ele reina sobre as nações e sobre toda a criação. Isaías nos mostra que até Ciro, um governante que nem conhecia o Senhor, estava debaixo de sua mão e foi utilizado para cumprir seus propósitos. Em 1 Tessalonicenses, vemos uma igreja cuja fé, amor, esperança e testemunho são frutos da ação de Deus. E, no Evangelho, Jesus desloca nosso olhar de César para Deus: “e a Deus o que é de Deus”.

Não há, portanto, uma área da nossa vida que possamos retirar do governo do Senhor. Nem a política, nem as autoridades, nem nossas circunstâncias, nem mesmo aquilo que parece estar completamente fora de controle está fora das suas mãos. E justamente por isso, nossa confiança não pode repousar nos instrumentos que Deus utiliza, mas no próprio Deus que os utiliza.

Mas a boa notícia deste domingo é ainda maior: aquele que governa todas as coisas é o mesmo que veio ao nosso encontro para nos salvar. O Senhor que diz “Eu sou o Senhor, e não há outro” revelou seu governo definitivamente em Jesus Cristo. Ele é o verdadeiro

Ungido, o Rei que veio para vencer o pecado, a morte e o poder do diabo. Na cruz, Jesus realizou aquilo que nenhum César, nenhum Ciro e nenhuma autoridade humana poderiam realizar. No Batismo, Deus nos uniu a essa morte e ressurreição e nos deu uma nova identidade em Cristo.

Por isso, podemos deixar para trás nossos velhos cânticos de medo, desconfiança, reclamação e autossuficiência e ouvir novamente o cântico novo que Deus canta para nós no Evangelho: “Eu perdoo você. Eu estou com você. Eu salvei você.” Enquanto aguardamos a volta do Filho dos céus, servimos, amamos e testemunhamos, não porque temos o controle da história, mas porque pertencemos àquele que tem toda autoridade no céu e na terra. E assim, mesmo em meio às incertezas deste mundo, a igreja pode cantar com confiança “um cântico novo!”, porque o Senhor reina, Cristo venceu e, nele, há segurança.

Rev. George Carlos Felten

Estância Velha - RS